

Educação dialógica: a perspectiva de Paulo Freire para o mundo da educação

Cláudia Suely Ferreira Gomes¹, Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra²

Resumo

A perspectiva pedagógica de Paulo Freire pautava-se na conscientização crítica dos educandos, partindo da contextualização dos conteúdos programáticos, considerando as experiências de vida dos alunos. Para Freire, a razão de ser da educação está na interação entre educador e educando, a partir de uma relação dialógica na qual os saberes do aluno devem ser considerados na concretização do ato pedagógico. O artigo faz uso da técnica de pesquisa documental histórica. O seu método de ensino inovador dialoga com questões da contemporaneidade, servindo de base, ainda nos dias atuais, para calorosos debates em torno da sua metodologia de ensino que, muitas vezes, tem suas ideias reproduzidas de forma descontextualizada, distorcendo a essência do seu pensamento. Nesse sentido, o presente estudo se debruçou sobre o método freiriano de ensino, realizando uma reflexão teórica com vistas a desmistificar os equívocos que giram em torno do seu pensamento.

Palavras-chave

Educação. Paulo Freire. Diálogo. Cultura.

¹ Mestra em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa em Avaliação da Educação Superior (GAES-CNPq); auditora interna da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: csfg0312@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil, com estágio pós-doutoral na Universidade do Porto, Portugal; professora associada III do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba; líder do Grupo de Pesquisa em Avaliação da Educação Superior (GAES/CNPq). E-mail: gracinhavieira@yahoo.com.br.

Dialogical education: Paulo Freire's perspective for the world of education

Cláudia Suely Ferreira Gomes³, Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra⁴

Abstract

Paulo Freire's pedagogical perspective was based on the critical awareness of students, starting from the contextualization of the programmatic contents, considering the students' life experiences. For Freire, the reason for being of education is in the interaction between educator and student, based on a dialogical relationship in which the student's knowledge must be considered in the implementation of the pedagogical act. The article makes use of the technique of historical documentary research. His innovative teaching method dialogues with contemporary issues, serving as a basis, even today, for heated debates around his teaching methodology, which often has his ideas reproduced in a decontextualized way, distorting the essence of his thinking. In this sense, the present study focused on the Freirean method of teaching, carrying out a theoretical reflection in order to demystify the mistakes that revolve around his thinking.

Keywords

Education. Paulo Freire. Dialogue. Culture.

³ Master in Public Policy, Management and Evaluation of Higher Education, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; member of the Higher Education Evaluation Research Group (GAES/CNPq); internal auditor of the Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. E-mail: csfg0312@gmail.com.

⁴ PhD in Education, Federal University of Paraíba, Brazil, with a post-doctoral internship at the University of Porto, Portugal; associate professor III at the Education Center of the Federal University of Paraíba, Brazil; leader of the Higher Education Evaluation Research Group (GAES/CNPq). E-mail: gracinhavieira@yahoo.com.br.

Introdução

Considerado um dos maiores educadores do século XX, Paulo Freire foi declarado patrono da educação brasileira em 2012. Sua proposta educativa, alicerçada na busca pela conscientização crítica dos alunos, defendia o diálogo horizontal entre educador e educando, rompendo totalmente com as premissas do sistema educacional vigente à época.

Freire era contra o ensino imposto de cima para baixo, que não considerava o contexto local dos alunos e que via a educação como algo estático. Essa forma de ensino fechado, que impede o desenvolvimento de novos conhecimentos por parte dos sujeitos, mostra o caráter opressor do currículo escolar, que não estimula a discussão e o debate em sala de aula, impedindo que os educandos desenvolvam suas potencialidades, não desafiando o aluno a aprender criticamente.

Para ele, somente a partir de uma pedagogia dialógica o processo educativo se tornaria mais eficiente. A grande preocupação de Paulo Freire era demonstrar que o ato de ensinar não tem relação com as formas preestabelecidas e nem com as práticas universais do sistema tradicional de ensino.

A essência da sua pedagogia era a priorização das particularidades dos alunos, pois, segundo ele, a educação não se faz de forma isolada e alheia ao contexto social. Freire defendia uma educação humanizada, que respeitasse a identidade cultural dos alunos, estimulando a sua participação ativa na produção do conhecimento.

Sua perspectiva pedagógica buscava fundamentalmente educar conscientizando, a partir da contextualização dos conteúdos trabalhados na sala de aula, que deve ser um espaço democrático e aberto ao diálogo. É nesse espaço de reflexão, em que o professor dialoga com o aluno, que se desenvolve a educação crítica, formando pessoas capazes de relacionar conceitos e de problematizar situações do seu cotidiano.

Freire destaca, também, o caráter inacabado do homem que, como ser inconcluso, está sempre em busca de respostas para seus questionamentos, e é essa noção de homem como ser histórico que justifica o caráter inacabado do conhecimento.

Faz parte da essência do ser humano não aceitar passivamente a realidade e, nessa forma de ensino tradicional, o aluno é educado para não questionar as verdades que estão postas quase como dogmas que não admitem contestação.

A pedagogia proposta por Paulo Freire visa substituir essa forma arbitrária de educar por uma metodologia de ensino dinâmica, que transforme o aluno em sujeito ativo do

processo de aprendizagem. Aprendendo criticamente o indivíduo será capaz de interferir na realidade social, passando a ser protagonista de sua aprendizagem e tornando-se capaz de formular suas próprias interpretações, participando ativamente das mudanças necessárias para promoção do bem comum.

A essência da educação deve ser a aprendizagem dos alunos, e nessa relação o professor, que também é um aprendiz, tem o papel fundamental de estimular a autonomia dos estudantes, considerando a diversidade de saberes que eles trazem consigo a partir das experiências pessoais (MAFRAN, 2017).

É parte indispensável do trabalho docente instigar os alunos a problematizar os conhecimentos adquiridos, relacionando o saber teórico ao contexto social. O ensino crítico dos conteúdos exige que o educador valorize as experiências prévias dos estudantes, desenvolvendo, assim, a visão crítica da realidade. Nessa relação pedagógica, docente e discente devem caminhar juntos rumo a um universo de conhecimento a ser explorado.

Tendo a problemática a prática educativa em Paulo Freire, o objetivo deste artigo é discutir a pedagogia dialógica que se contraponha ao modelo de educação em vigor, o qual privilegia a classe dominante e serve como instrumento de dominação dos oprimidos. Por isso, a metodologia adotada na pesquisa é de caráter descritivo, numa orientação qualitativa, concretizada por uma análise documental histórica (bibliográficas), na qual foram feitas considerações relativas ao caráter humanista e libertador da pedagogia, a questão da ação transformadora a partir da reflexão, livre das amarras da alienação.

Bases conceituais da pedagogia dialógica de Paulo Freire

As contribuições de Paulo Freire para o campo da educação foram tecidas a partir da crítica ao modelo tradicional de educação, cujos métodos de aprendizagem consideravam o conhecimento como algo estático, que não admitia mudanças, não estimulando o desenvolvimento da consciência crítica.

O método de ensino proposto por Paulo Freire, consubstanciado em uma pedagogia emancipatória, busca incentivar o educando a refletir sobre a sua própria história e sobre o seu lugar na sociedade. Freire entende que a educação tem um papel primordial nas transformações sociais necessárias para se chegar a uma sociedade mais justa e humanizada. A partir da reflexão chega-se a consciência social e, por conseguinte, a uma sociedade onde todos tenham as mesmas oportunidades, reduzindo as desigualdades sociais existentes.

A pedagogia libertadora de Paulo Freire traz à tona questões relacionadas ao método aplicado na educação brasileira, que privilegia uma classe dominante em detrimento da outra. O renomado autor se posiciona contra essa forma de educação unilateral, que transforma o mundo da sala de aula em um ambiente quase hostil, no qual os alunos são meros expectadores a absorver tudo o que os professores, por imposição de um conteúdo programático previamente estabelecido, são obrigados a reproduzir. Segundo Freire (1983, p. 73),

um dos seus objetivos fundamentais, mesmo que dê não estejam advertidos muitos do que a realizam, seja dificultar, em tudo, o pensar autêntico. Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro.

Esse modelo de educação, baseado no cumprimento de conteúdos que não estimulam o debate, não desenvolve o pensamento crítico dos alunos, adotando práticas educacionais não condizentes com a sua realidade social, servindo, dessa forma, a uma minoria que visa impor as suas ideias de dominação, sem considerar as raízes culturais daqueles que pretende dominar, não deixando margem para a reflexão social e mantendo a contradição educador-educando.

Freire (1983, p. 79) alerta que nesse modelo “não pode haver conhecimento, pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador”. Os métodos pedagógicos utilizados pelo professor em sala de aula levam o aluno a gravar o que está sendo ensinado, porém sem contextualizar o conteúdo que, desconectado da realidade, fica sem significação. Os alunos memorizam, mas não conseguem captar o real significado dos temas trabalhados pelo docente. É o que ele denominou de concepção “bancária” da educação, utilizada pela classe dominante como instrumento de opressão.

Fazendo uso de metáfora, Freire compara a educação, nos moldes em que está sendo construída, a uma instituição financeira, na qual o professor estaria transformando o aluno em um ser estático, um simples depositário, sem a capacidade de debater sobre os temas levados à sala de aula e, dessa forma, incapaz de participar da construção do conhecimento. Segundo Ghiraldelli Junior (2012, p. 23),

O que ele queria dizer, basicamente, é que a dinâmica tradicional em sala de aula implica um professor que deposita informações para os estudantes, os quais por sua vez guardam-nas “no cofre” da memória. Essas informações

são, depois, sacadas pelo professor, em geral, no dia da prova. O aluno é o “banco” e o professor o usuário dessa “casa bancária”.

Freire alerta que a escola, nesse modelo, tende a ser uma instituição pautada na opressão, reproduzindo apenas as ideias das classes dominantes, inibindo, assim, a criatividade dos alunos, que se tornam sujeitos passivos da relação educacional.

Propõe, então, uma mudança nessa forma de transmissão do conhecimento, partindo de uma pedagogia dialógica, cuja metodologia leve o aluno a se descobrir como ser pensante, capaz de problematizar a realidade na qual está inserido, refletindo sobre as questões sociais que o cercam.

Nessa proposta de educação, que se contrapõe ao modelo tradicional de ensino, a experiência que o aluno acumulou com base no contexto social em que vive, é essencial para a concretização do ato pedagógico, sendo de fundamental importância para a criação do conhecimento a interação entre educador e educando, numa relação horizontal na qual eles aprendam entre si por meio da troca constante de informações.

É nesse compartilhamento de informações entre docente e aluno que está a base de uma educação dialógica, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983, p. 79). Por conseguinte, somente por meio do diálogo será possível superar a concepção “bancária” da educação. Nesse modelo dialógico, em que não há espaço para imposições e autoritarismo, educador e educando interagem e aprendem entre si, caminhando juntos na produção do conhecimento. Dessa forma, “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem” (FREIRE, 1983, p. 78).

O processo de conhecimento é, portanto, contínuo e dialógico, devendo o ato educativo ser exercido a partir da interação entre os atores desse processo, acabando com a contradição existente entre educador e educando. Esse modelo de educação pressupõe uma alteração na forma como os conteúdos programáticos a serem apresentados em sala de aula serão planejados, de forma a propiciar o desenvolvimento da criticidade entre os alunos.

Aquele que busca o saber deve ser estimulado a aprender por si só, desenvolvendo a capacidade de aplicar à vida prática os conceitos e teorias apreendidos em sala de aula. Dessa forma, o aluno percebe que pode utilizar os conhecimentos adquiridos, relacionando-os a situações do cotidiano, o que faz com que ele se sinta cada vez mais motivado na busca por novos saberes, aumentando, conseqüentemente, o seu rendimento escolar.

É preciso que haja uma convergência de informações entre educador e educando na construção do conhecimento. O sistema educacional deve estar preparado para formar cidadãos capazes de desenvolver seus próprios ideais, utilizando argumentos fundados na reflexão crítica e sendo capazes de formular soluções para equacionar problemas ligados à sua realidade social.

A construção do conhecimento deve, portanto, estar atrelada aos saberes dos educandos, não pertencendo apenas aos diretores escolares e aos professores, mas também aos alunos, que trazem consigo experiências de vida que precisam ser consideradas quando da elaboração dos currículos. Como sujeito do processo ensino-aprendizagem, o aluno deve abandonar esse papel secundário e, juntamente com os educadores, passar a adotar uma postura efetiva, problematizando o conhecimento. Nisso reside toda a essência da concepção libertadora da educação freiriana.

Freire defende que a escola deve abandonar essa postura de instituição opressora, que se limita a reproduzir as ideias da classe dominante. O autor entende que não se pode fazer educação dissociada da realidade social do educando, ou seja, sem considerar a experiência que o aluno acumula ao longo da vida. A escola deve estimular a aprendizagem e, segundo ele, tem

o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 16).

Nesse sentido, a escola deve superar essa forma de educação que impede o debate crítico e transformador, e que forma pessoas incapazes de problematizar e pensar criticamente sobre as situações que as oprimem.

O espaço pedagógico deve instigar o aluno a refletir, contextualizando as informações adquiridas em sala de aula e relacionando-as com a sua realidade social e política. Freire (1989) ensina que a linguagem deve estar intimamente alinhada à realidade dos alunos, ou seja, não se pode dissociar o texto do contexto. Dessa forma, as instituições devem adotar práticas de ensino que desenvolvam a consciência crítica das pessoas, tornando-as capazes de transformarem a realidade em que vivem.

Ele evidencia o caráter libertador da pedagogia, afirmando que somente a partir do desenvolvimento da consciência crítica, o homem irá se libertar das amarras da dominação, pois terá a capacidade de promover as mudanças sociais necessárias a uma sociedade mais

justa. O homem é um ser social e, como tal, deve participar ativamente dessas transformações, refletindo criticamente sobre os problemas existentes na sua realidade existencial. É neste sentido que Kohan (2019, p. 13) afirma que,

Paulo Freire, embora também tenha se deparado com enormes dificuldades para colocar suas ideias em prática, jamais deixou de pensar que a emancipação social dos/as oprimidos e oprimidas era o sentido principal não apenas de sua vida, mas de qualquer vida educadora. Sem essa projeção social, a emancipação teria pouco valor. Mais ainda, a emancipação que interessa a Paulo Freire não é apenas intelectual ou cognitiva, mas econômica, social e política, com todas as complexidades e dificuldades que comporta a relação entre educação e sociedade.

Sua proposta pedagógica, fundada na ação dialógica, busca eliminar o autoritarismo da escola tradicional, incluindo o diálogo como método de ensino, tornando a educação mais democrática. Dessa forma,

a partir de uma prática empenhada e refletida que, ao longo da sua vida, foi emergindo todo o fascinante edifício teórico e de intervenção que Paulo Freire não cessou de questionar. Freire não cessou de se questionar e de questionar o contexto que o envolvia, como não cessou de utilizar tudo o que descobriu, no extraordinário contributo que deu para que possa existir um mundo menos injusto. (CORTESÃO, 2018, p. 176).

Analisando Paulo Freire sob a ótica atual, percebe-se que a maioria das escolas brasileiras ainda não aplica os conceitos por ele desenvolvidos, em especial o conceito de uma educação problematizante, que leve o educando a pensar criticamente sobre a realidade que o cerca. O professor, assumindo o papel de transmissor de um conhecimento crítico, enfrenta grandes desafios, entre eles, o engessamento provocado pelo conteúdo programático. Mesmo não querendo assumir esse papel de opressor, muitas vezes ele fica amarrado pelo sistema e suas práticas educacionais. Sobre esses ideais freirianos, Souza e Mendonça (2019, p. 10) destacam que “Assim, possa a obra de Freire nos municiar na luta irmanada junto às oprimidas e aos oprimidos do nosso tempo, aqueles que têm classe, gênero, raça e endereço ‘incerto’ (sem-teto, sem-terra)”.

O diálogo como pressuposto de uma pedagogia libertadora

A proposta pedagógica de Paulo Freire tem na dialogicidade um dos eixos principais, balizando a teoria desenvolvida pelo educador, que defendia um método de ensino pautado em uma pedagogia autônoma e problematizadora. Sua trajetória indica que ele sempre esteve

preocupado com os temas ligados à educação, especialmente das classes menos abastadas, mas também com a superação das relações de opressão existentes no país. Além de alfabetizar, ele estava preocupado também em politizar as pessoas, conscientizando-as dos seus direitos e deveres como cidadãos.

Nascido em Pernambuco, Freire se destacou como ícone da educação no início dos anos 1960, quando implementou uma metodologia de ensino objetivando a alfabetização de adultos na cidade de Angicos, interior do Rio Grande do Norte. Seu método de aprendizagem baseava-se na experiência acumulada dos alunos, trabalhando com temáticas relacionadas ao cotidiano dos educandos, alfabetizando ao mesmo tempo em que os conscientizava.

A partir de um levantamento realizado com vistas a identificar as principais palavras que integravam o vocabulário da população local, Freire aplicou uma metodologia inovadora para alfabetizar trabalhadores e trabalhadoras da região. O método consistia em utilizar palavras que faziam parte do cotidiano daquelas pessoas, termos ligados às atividades laborais por elas desenvolvidas. Por exemplo, para aqueles que trabalhavam no campo, eram ensinadas inicialmente palavras como terra e enxada e, gradativamente, na medida em que eles iam aprendendo, o professor passava a ensinar outras palavras, contextualizando com realidade do aluno, de forma a desenvolver o seu pensamento crítico acerca da sua condição social.

Na visão de Paulo Freire, o homem é o centro do processo educacional e o professor deve considerar as necessidades do aluno, a partir das suas expectativas com relação ao conhecimento que deseja adquirir. Quando o educando participa da construção do conhecimento, a partir da discussão da razão de ser dos saberes, os conteúdos ganham um significado prático (BRANDÃO, 2017).

Ensinar fora do contexto social desestimula as pessoas a prosseguirem no meio acadêmico, pois o conhecimento adquirido não encontra conexão com a vida real e isso faz com que o conhecimento se perca em meio a conteúdos planejados sem o devido comprometimento com as questões sociais.

Para ter resultados positivos, a transferência de saberes deve encontrar uma aplicação prática na vida dos educandos, deve partir da experiência do aluno. Para tanto, ele propõe uma reformulação no ensino, rompendo com as práticas abusivas da educação “bancária”, na qual o professor é colocado como detentor do conhecimento e o aluno como um simples depositário das informações repassadas a ele.

Freire se mostra preocupado com erros pedagógicos que colocam o educador como aquele que detém um conhecimento que já está consolidado e que, portanto, não admite

questionamentos, como por exemplo, a forma de apresentação dos conteúdos programáticos, que exige dos alunos a sua memorização mecânica, sem abrir espaço para o diálogo. O ensino “bancário”, marcado pela transmissão de conteúdos prontos, leva o aluno, que não foi chamado a conhecer, a simplesmente gravar de forma automática o que lhe é transmitido pelo professor.

O educador ressalta que a relação dialógica exige um exercício de interação entre os sujeitos, que devem primar pela verdade no processo de construção da educação, materializado por meio da inter-relação entre palavra e ação. Nesse sentido, a educação transformadora exige que o diálogo entre educador e educando seja pautado pela verdade. Segundo Fávero (2011, p. 7), essa relação dialógica viabiliza “metodologicamente o movimento da práxis: partir do vivido e do sabido (se quisermos, partir do senso comum), discuti-lo, criticá-lo, ampliá-lo (na direção do bom senso), para daí não só mudar sua visão de mundo, mas transformar o mundo.

O espaço educacional pressupõe a existência de uma relação dialógica, na qual os sujeitos aprendem a interpretar o mundo em um contexto de troca de informações constantes entre docente e discente. O educador deve provocar o aluno para que ele, a partir das informações apreendidas durante a relação de aprendizagem, possa compreender e interpretar a realidade para depois transformá-la.

O ato de ensinar pressupõe, portanto, uma reciprocidade, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 12). Dessa forma, o trabalho pedagógico só se concretiza efetivamente quando juntos, docente e discente, aprendem entre si, em uma relação dialógica e conscientizadora. Assim, enquanto ensina, o educador também deve instigar o aluno a problematizar situações vivenciadas por ele, deve ampliar a sua capacidade de questionar as relações que estão estabelecidas, dinamizando o ambiente acadêmico e formando alunos participativos e questionadores. Como afirma Gonçalves (2018, não paginado) “O fazer educativo é um processo vivo, orgânico, cotidiano de formação humana e socialização”.

Se, na prática, a ação educativa não se configura em um ato concreto na vida do aluno, perderá a eficácia, pois o ato pedagógico deve ser constituído com base em assuntos que tenham significação para as pessoas, transformando a sociedade através da educação.

O método de ensino proposto por Paulo Freire defende que o educador priorize a essência da aula, que é a aprendizagem dos alunos, numa relação na qual a comunicação entre

os sujeitos possibilitará a superação da educação “bancária”, promovendo uma ação transformadora a partir da união entre teoria e prática.

Considerações finais

A despeito das inúmeras críticas sofridas por Paulo Freire, suas ideias reverberam até os dias atuais, demonstrando que a escola deve ser um espaço de reflexão, formando cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres, e capazes de atuar de forma efetiva, agindo em conjunto para a promoção do bem comum. Isso implica em uma mudança na relação que deve existir entre educação e sociedade, que deve ser uma relação democrática, na qual as pessoas sejam preparadas para participarem das decisões que envolvem a coletividade.

A partir do momento em que pessoas que buscam o conhecimento se deparam com métodos pedagógicos cujos conteúdos apresentados estejam conectados ao seu mundo, as suas experiências, a educação terá cumprido o seu papel de preparar cidadãos conscientes e capazes de problematizar os ensinamentos transmitidos por seus educadores, numa relação dialógica, na qual todos os envolvidos participam efetivamente do processo ensino-aprendizagem.

A teoria educacional de Paulo Freire demonstrou que a educação deve ser vista sob a ótica do professor e do aluno, respeitando a experiência e os traços culturais de cada grupo envolvido no ato pedagógico, e considerando a complexidade das relações sociais que podem se desenvolver durante o processo educacional.

Sendo assim, o educador deve estar sempre pronto a dialogar com os seus alunos, a considerar suas inquietações e angústias, estimulando a curiosidade e a criticidade daqueles que anseiam pelo conhecimento, propiciando as condições necessárias para que juntos, docente e discente conheçam as múltiplas dimensões da realidade.

Nesse sentido, a prática educacional não pode estar dissociada da realidade do aluno. A escola deve estar preparada para acompanhar as mudanças sociais, fazendo uso de técnicas de ensino pautadas na dialogicidade e no estímulo ao desenvolvimento da curiosidade dos alunos, tornando a escola um ambiente favorável ao aprendizado crítico e problematizador.

O pensamento de Paulo Freire ultrapassou as barreiras do tempo e chegou aos dias atuais retratando a realidade do sistema educacional brasileiro que ainda dissemina práticas condizentes com o ensino “bancário”, um ensino fechado que não permite o desenvolvimento de novas formas de conhecimento por parte dos alunos, que não exercita o diálogo na relação educacional, e que, portanto, não desenvolve a criticidade dos alunos.

Referências

BRANDÃO, C. R. A educação como cultura: memórias dos anos sessenta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 377-407, set. 2017. Doi: 10.1590/s0104-71832017000300014.

CORTESÃO, L. O valor da prática em Paulo Freire. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 1, p. 165-178, jan./abr. 2018. Doi: 10.17058/rea.v26i1.12014.

FÁVERO, O. Paulo Freire: importância e atualidade de sua obra. **E-curriculum**, São Paulo, v. 7, n. 3, nov. 2011. Edição especial de aniversário de Paulo Freire. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/7589/5541>. Acesso em: 16 fev. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **As lições de Paulo Freire**. São Paulo: Manole, 2012.

GONÇALVES, P. M. Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido no Brasil: 50 anos de pertinência. **Le monde diplomatique**. Acervo Online Brasil. 20 dez. 2018. Disponível em: https://diplomatie.org.br/a-pedagogia-do-oprimido-no-brasil-50-anos-de-pertinencia/?fb_comment_id=2220023184697348_2225563880809945. Acesso em: 20 jan. 2020.

KOHAN, W. O. Paulo Freire e o valor da igualdade em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 8, abr. 2019. Doi: 10.1590/s1678-4634201945201600.

MAFRA, J. F. **Paulo Freire, um menino conectivo: conhecimento, valores e práxis do educador**. Estudos freirianos São Paulo: UNINOVE, 2017. [Estudos freirianos]. Disponível em: <https://s3.uninove.br/app/uploads/2016/06/17153939/1531863579-1531863579-menino-conectivo.pdf>. Acessado em: 18 jan. 2020.

SOUZA, K. R.; MENDONÇA, A. L. O. A atualidade da “pedagogia do oprimido” nos seus 50 anos: a pedagogia da revolução de Paulo Freire. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 17 jan. 2019. Doi: 10.1590/1981-7746-sol00188.

Submetido em 20 de fevereiro de 2020.

Aprovado em 29 de abril de 2020.